



E-BOOK

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA
FORMAÇÃO OMNILATERAL: Uma
Contribuição ao Debate do Ensino Médio
Integrado**

PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

**Juliano dos Santos Domingues
Manoel José Porto Júnior**

Charqueadas

2020



E-BOOK

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO OMNILATERAL: Uma Contribuição ao Debate do Ensino Médio Integrado

Produto apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Sul-riograndense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Autores:
Juliano dos Santos Domingues
Manoel José Porto Júnior

IFSul
Charqueadas
2020



PROFEPT

D671p Domingues, Juliano dos Santos
Porto Júnior, Manoel José

O papel da Educação Física na formação omnilateral: uma contribuição ao debate do ensino médio integrado [ebook]. / Juliano dos Santos Domingues. Charqueadas, RS, – 2020.
1 PDF

Modo de acesso: educapes.capes.gov.br

1. Educação física. 2. Educação profissional e Tecnológica. 3. Produto Educacional. I. Título.

CDU 37

Catálogo na Publicação:
Bibliotecário Fernando Scheid - CRB 10/1909



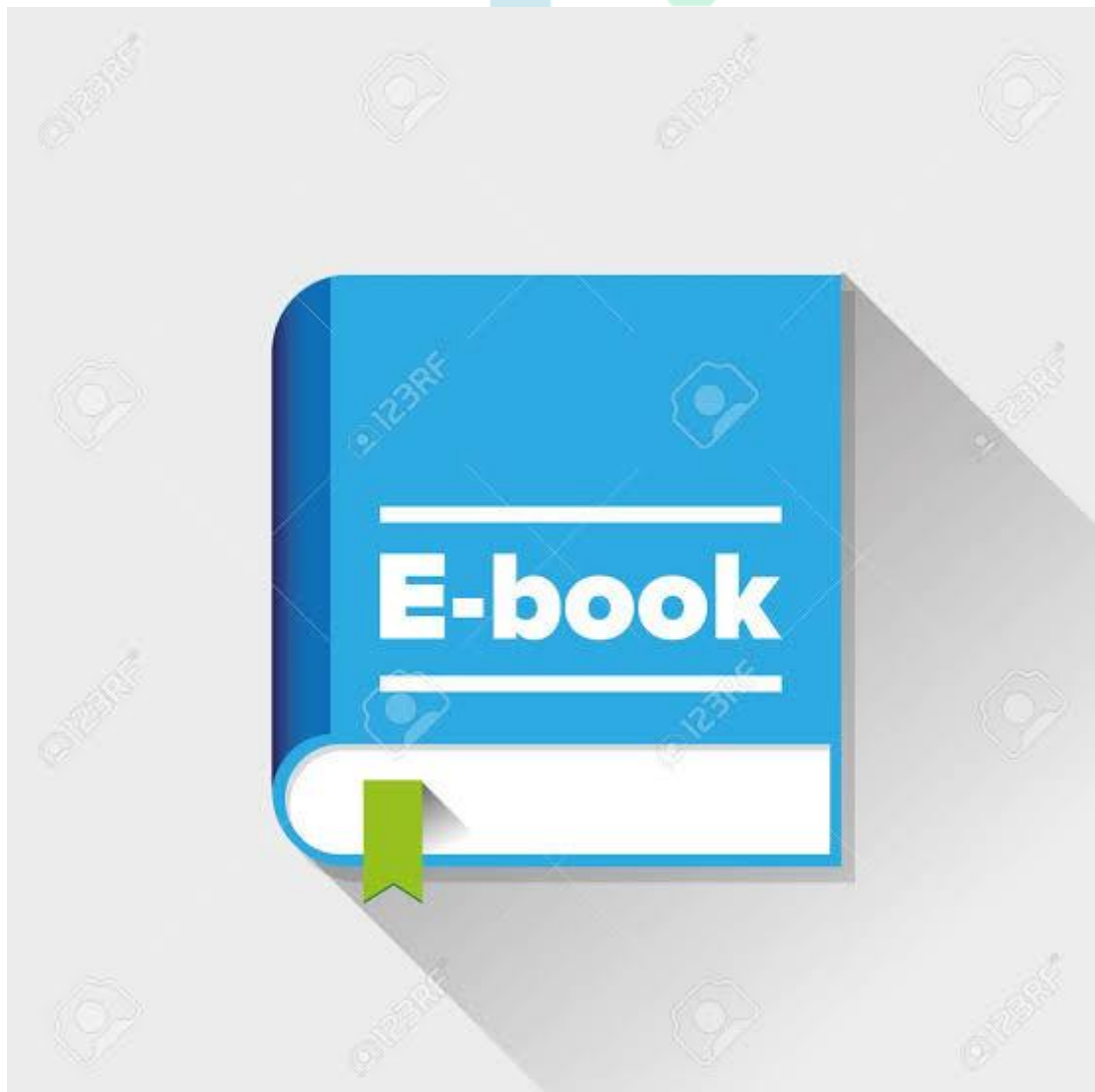
PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense



E-BOOK



Apresentação

Este ebook, produto do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT/IFSul, busca orientar e informar acerca de como a Educação Física pode contribuir para uma educação integral ou omnilateral, salientando os benefícios das atividades físicas para atendimento das necessidades humanas.

Visa, de forma prática, auxiliar no desenvolvimento reflexivo das atividades docentes. Utilizando-se de referencial teórico apoiado no materialismo histórico e dialético, apresenta dois exemplos de interdisciplinaridade, além de um apêndice, que tratam da vinculação da Educação Física com outras disciplinas, a partir de movimentos do corpo, que servirão justamente para elucidar o proposto, no caminho para uma educação omnilateral.

Tais exemplos são somente um começo, e muitas outras coisas podem ser feitas a partir da interdisciplinaridade, que aponta para a formação humana integral. Dessa forma, a ação interdisciplinar possibilita ao educando refletir, analisar e criar alternativas para a construção do conhecimento. A Educação Física quando aliada a outras disciplinas, possibilita interesse e maior compreensão dos conteúdos abordados, visando enriquecer o aprendizado dos estudantes.

Boa leitura!

INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense

Introdução

Queremos demonstrar que a Educação Física pode e deve se articular com o currículo escolar de forma mais orgânica e interdisciplinar. Antes de discutir alguns aspectos teóricos e de apresentar as propostas de trabalho interdisciplinar sugeridas, podemos exemplificar a articulação com outras disciplinas tendo o futebol como conteúdo primário. Elencamos possibilidades de abordagem de assuntos diversificados, envolvendo diversas matérias, em um tema que, inicialmente, pensa-se estar relacionado apenas à docência de Educação Física.



Matemática: Realizando um trabalho com as figuras geométricas que compõem o campo de jogo, com os números de jogadores, com as medidas da quadra ou do campo, etc.

Língua Portuguesa: Através de redações sobre o tema, textos das faixas e cartazes.

Educação Artística: Trabalhar com os símbolos dos times, além de um logotipo para o campeonato.

Geografia: Serve para localizar geograficamente o país de cada time (se a

escolha for por formar com nomes de países), ensina em qual país foi criado o futebol, também quais países já foram sede de alguma competição importante etc.

História: Utilizada para descrever toda a história do esporte em disputa, quando foi criado, quais são os principais jogadores ao longo da história, etc.

Ciências: Mostrando além dos benefícios do esporte, os perigos das contusões. (Soler, 2003).

A Educação Omnilateral

O termo omnilateral advém do latim e sua tradução exprime “todos os lados ou dimensões”. Portanto, a definição de omnilateral mais condizente com o desenvolvimento deste produto, que melhor explicita e demonstra as intenções e pensamentos consiste em

“A concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico.” (Caldart et al., 2012).

A educação omnilateral, unitária, a qual seja hábil em proporcionar uma qualificação humana com o “desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção de valores de uso em geral” (FRIGOTTO, 2003, p. 31), deve ser buscada como excelência, e todas as disciplinas devem contribuir para o seu desenvolvimento, sobretudo a Educação Física.

Conforme Gramsci (2001), a escola deve ser única, humanista, devendo ser destinada a desenvolver em todo sujeito uma cultura geral, e também deve

educar para a vida.

“A tendência hoje é a de abolir qualquer tipo de “escola desinteressada” (não imediatamente interessada) e ‘formativa’, ou conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo.” (GRAMSCI. 2001, p. 118).

Na contemporaneidade, vivenciamos uma educação escolar que abrange ampla diversidade de aspectos que causam a dicotomia entre educação e trabalho, pois muitas vezes esta relação é contraditória, da formação humana para a vida e para o trabalho. No ambiente escolar, a formação é hoje voltada para o ingresso do discente ao mercado de trabalho, mediante o domínio puro de uma técnica e de formações desconectos com a vida extra-muros escolares, ou seja, apolíticos e alienantes. (Marx & Engels, 2011).

Na Educação Física não deve ser diferente. Devemos encontrar meios, formas, didáticas, capazes de desenvolver o ser humano como um todo, não apenas o preparando para o mercado de trabalho, tampouco somente para o desenvolvimento corporal, mas trabalhando também suas capacidades além do físico, ou seja, globais, integrais.

O processo de construção de uma educação omnilateral requer, entre outros fatores, uma formação permanente e de que entenda-se como educação essencialmente ontológica a que não deva servir apenas para nichos do mercado, cada vez mais escassos, e sim que a escola pública seja capaz de compor todas as características deste processo, o que ainda hoje não se é

possível, devido ao sucateamento do setor público educacional. Em nossa história alguns teóricos já tentaram traçar uma proposta educacional progressista buscando a omnilateralidade do ser humano, com vastos conhecimentos e saberes científicos. Dentre estes, Marx, que, segundo Santos (2012, pg. 86), “defendia um modelo de educação composto pelo trabalho produtivo do ser e a relação entre educação e sociedade.”

Como Marx demonstrou, este novo modelo não é possível na escola atual, necessitando de uma nova escola, onde o aluno seja preparado profissional e cientificamente, tornando este discente mais completo e menos específico. Com esta cultura do homem omnilateral, haverá a possibilidade de uma melhor convivência coletiva, além da intervenção do homem no mundo que seja capaz de mudar o conjunto das relações postas pela força do capital e do trabalho alienado. (Santos, 2012).

Na narrativa da Educação Física, a Eugenia foi bastante preponderante no início, e atualmente o que se busca é justamente a quebra destas divisões, tanto da dualidade estrutural como da divisão entre prática/intelecto. Essas ideias, que tinham grande aceitação na Europa e na América do Norte, seduziam as classes dominantes nas colônias por eles dominadas econômica, política ou culturalmente, fazendo com que estas se auto-intitulassem como brancas, para todos os fins e direitos. Tais opiniões eugênicas influenciaram as produções nas mais diversas áreas do conhecimento em nosso país, envolvendo intelectuais e cientistas como Sílvio Romero, José de Alencar, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Afrânio Peixoto (Santos, Sá, 2019).

A Educação Física, além de suas atribuições naturais, necessita quebrar este paradigma de que, ou se realiza alguma atividade física, ou se “estuda” algo intelectual, e os docentes desta área, através de qualificação e qualidade de suas aulas, virem demonstrar a importância que a disciplina tem no currículo escolar e na formação “completa” do ser.

REFERENCIAL TEÓRICO

A docência, se realizada estrategicamente, bem planejada e organizada, influi positivamente na capacidade intelectual, pessoal, psicológica e social do

educando. As aulas de Educação Física distinguem-se das demais, por serem em um ambiente diferenciado, por haver um maior dinamismo em suas atividades, por haver uma maior proximidade entre o professor e o aluno, fazendo com que haja uma aceitação maior de grande parte dos discentes desta disciplina em relação às outras (MARINHO, 1975), corroborando a concepção de politecnicidade, onde trabalho manual e intelectual são indissociáveis.

O exercício do corpo também envolve concomitantemente o exercício intelectual.

A idéia de politecnicidade... postula que o processo de trabalho desenvolva, numa unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. Um pressuposto dessa concepção é de que não existe trabalho manual puro, e nem trabalho intelectual puro. Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual. Isso está na própria origem do entendimento da realidade humana, enquanto constituída pelo trabalho. Se o homem se constitui a partir do momento em que age sobre a natureza, adaptando-a a si, ajustando-a às suas necessidades (e ajustar às necessidades significa plasmar a matéria, a realidade, segundo uma intenção, segundo um objetivo, que é antecipado mentalmente), então o exercício da função intelectual já está presente nos trabalhos manuais os mais rudimentares, os mais primitivos. (SAVIANI, 1989, p. 46)

Esta separação de funções trata-se de um produto histórico-social, em que não é absoluta, mas sim relativa. Há uma separação, através de um processo formal e abstrato, onde os elementos essencialmente de cunho manual acabam por se sistematizarem como forma de um nicho da sociedade, conquanto que os elementos essencialmente intelectuais acabam por sistematizarem-se como forma exclusiva de outro grupo da sociedade.

A partir daí, temos a delimitação dos trabalhadores manuais, que se estabelecem em profissões manuais, onde a sistemática destas funções definem por si só estas ocupações, não excluindo a função intelectual. Uma forma bastante precisa de verificar isto é através do fenômeno da aprendizagem, pois o trabalhador aprende suas funções, e, se desempenha suas atividades, significa que acabou por aplicar sua inteligência na construção deste procedimento.

Da mesma forma, as funções e as profissões ditas intelectuais são assim nomeadas por se organizarem sob o ângulo do trabalho intelectual e sendo desenvolvidas em uma linha de articulação essencialmente intelectuais.

Porém, se utilizam das atividades práticas e das ações manuais. Por este motivo não há ciência sem a manipulação da realidade e também não há como se pensar sem a base da ação. O que a ideia de politecnicidade tenta introduzir é a compreensão desse fenômeno, a captação da contradição que marca a sociedade capitalista, e a direção de sua superação (SAVIANI, 1989, p. 48).

Nesta mesma linha, Gramsci nos mostra que “[...] todos os homens são intelectuais” (1979, p. 07), embora nem todos desempenhem esta função. Para Gramsci há um erro metodológico em caracterizar de maneira única as atividades intelectuais. O autor entende que seja qual for o trabalho físico realizado, inclusive o mais simples, que nele existe no mínimo um nível de qualificação técnica, o que representa atividade criadora/intelectual, por menor que ela seja.

Um discurso importante que corrobora com essa premissa, está na citação de Marx nas Instruções aos delegados do Conselho Central Provisório da AIT; Associação Internacional dos Trabalhadores, de 1868:

Por educação entendemos três coisas:

1. Educação intelectual.
2. Educação corporal, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica e militares.
3. Educação tecnológica, que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais. (MARX e ENGELS, 2011, p. 85)

A sugestão de um estreitamento interdisciplinar teórico-metodológico (BAGRICHEVSKY, PALMA e ESTEVÃO, 2003) entre saúde coletiva e Educação Física, e conseqüentemente à atividade física, parece ser um caminho interessante, através de uma ampla propaganda e divulgação dos benefícios da prática de atividades físicas.

Na contramão desta situação, há uma inferiorização destas aulas com relação às outras disciplinas “intelectuais”, Betti (1992) aponta dois aspectos que ocasionam este sentimento: a ideia errônea de que a disciplina é dispensável e a sensação de que há pouco ou nenhum conhecimento científico, intelectual e acadêmico na disciplina.



MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense

O profissional de Educação Física que trabalha na área da docência, especialmente na licenciatura escolar pública, em quaisquer das etapas da educação básica, vem sofrendo uma desvalorização, seja ela financeira ou social (SOUZA, 2011), e isto pode acabar afetando o desempenho de suas atribuições, o que pode contribuir para que, em grande escala, não ocorra um avanço da educação escolar brasileira.

Antes de entrar na pesquisa propriamente dita, algumas definições devem ser feitas. Atividade física é entendida aqui como “qualquer movimento corporal voluntário produzido pelos músculos esqueléticos que resulte em gasto energético acima do metabolismo basal¹ (BLOCH, 1998).

¹ Nível mínimo de energia exigido para manter as funções vitais do corpo em repouso. É medido pela determinação do consumo de oxigênio por espirometria em circuito aberto ou fechado. Em adultos o valor normal está entre 1200 a 1700 calorias por dia.determinação do

Não se pode confundir atividade física com aptidão física, que é “um conjunto de atributos que as pessoas tem ou atingem, está relacionada com a capacidade de realizar a atividade física” (BARBANTI, 2011).

Entende-se a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (CONFED, 2020).

Além disso, verificar o nível de atividade física tem algumas funções fundamentais, como determinar a quantidade de atividade física que as pessoas praticam, o papel da atividade física no estado de saúde, os fatores que se relacionam com a atividade física e também o efeito das intervenções para promover a saúde, relacionando com a atividade física (BAGRICHEVSKY, PALMA e ESTEVÃO, 2003), podendo em muitos casos, através de uma mudança no estilo de vida, passando de sedentário à praticante de alguma atividade física, muitas vezes resolvendo alguns (ou todos) problemas de saúde deste indivíduo.

Estudos já foram realizados em diversas cidades brasileiras, onde apontam que o nível de sedentarismo em adultos é bastante alto (IBGE, 1998), girando em torno de 70% e que, segundo o mesmo instituto, em uma pesquisa sobre padrão de vida, demonstrou que 80,8% dos investigados não praticam exercícios semanalmente. Em uma pesquisa mais recente, no mesmo sentido, realizada no Brasil pela agência de inteligência e pesquisa de mercado Hello Research (2018), com uma amostra de 1000 pessoas, em 70 cidades espalhadas por todas as regiões do país, 66% das pessoas não praticam exercícios físicos, mesmo que esporadicamente. Entre os sedentários, as mulheres lideram o ranking com 76%, contra 55% dos homens.

Também neste sentido, autores como Mello et al. (1998) e Piccini e Victora (1994), relataram em seus estudos o baixo nível de atividades físicas praticadas por adultos.

Concomitante com estes dados, uma pesquisa realizada em 2006

consumo de oxigênio por espirometria em circuito aberto ou fechado. Em adultos o valor normal está entre 1200 a 1700 calorias por dia.

(Martinelli et al.), também reafirma os baixos índices de atividade física em adultos, mostrando um percentual de 73,6% dos pesquisados que não cumprem a recomendação mínima para a prática da atividade física semanal.

Já em outra pesquisa, no mesmo campo de conhecimento (nível de atividade física em adultos), Ceschini e Figueira Júnior (2007) encontraram resultados um pouco distintos, onde 51,1% do total dos entrevistados eram fisicamente ativos, e a proporção de sedentários era de apenas 7,6%. Nesta mesma pesquisa, analisando somente os adultos estudantes de ensino superior, durante a graduação, as estatísticas mudam completamente, com 90,2% sendo considerados sedentários.

Quanto à relação de gênero, historicamente, as meninas participam menos das aulas de Educação Física do que os meninos (BETTI e LIZ, 2000), e estudos apontam que as mulheres são mais sedentárias do que os homens (CESCHINI e FIGUEIRA JÚNIOR, 2007).

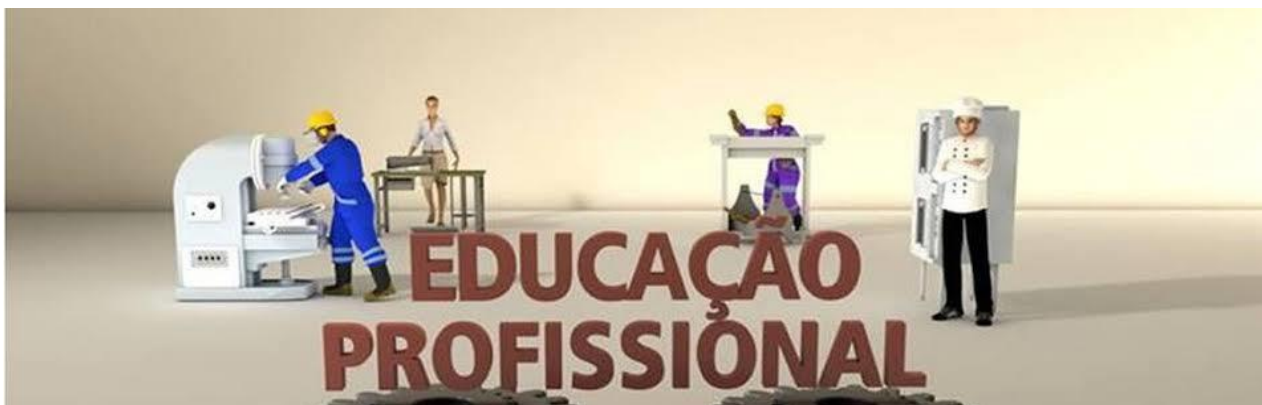


Todavia, em contrapartida, a Educação Física é a disciplina que as escolares mais gostam (BETTI e LIZ, 2000). Em uma pesquisa mais atual, Pinheiro (2017) demonstra que os estudantes consideram a disciplina como sendo a preferida pela grande parte do público pesquisado, mas não a consideram como sendo uma das mais importantes. Outros estudos também mostram que o nível de sedentarismo foi diferente entre os sexos (RIBEIRO, RODRIGUES e MAYER, 2008).

Estas ocorrências podem evidenciar que a falta de atividade física tende a ser maior no gênero feminino do que no masculino quando estes se tornam adultos.

Dentro da questão social, Andrade et al. (1998) relataram que 12% das meninas de classe social baixa e 20% das de classe social alta eram menos ativas do que os meninos.

A Educação Profissional e a Educação Física



A Educação Física vem perdendo campo ao longo do tempo, tanto em questões de bacharelado, como na licenciatura. Existem inúmeros exemplos, como médicos dando orientações na televisão acerca dos benefícios das atividades físicas, ou de fisioterapeutas ministrando aulas de ginástica funcional, bem como nutricionistas prescrevendo exercícios físicos. Cada vez mais outros campos de conhecimento e disciplinas escolares tomam um espaço que era dado, legitimamente (BARROS, 2000), ao cuidado, conhecimento e atividades corporais, contribuindo para que tenhamos cada vez mais pessoas obesas e que praticam cada vez menos atividades físicas, colaborando para a baixa qualidade da saúde dos brasileiros.

Esta perda de espaço e de autonomia, de transformação e de capacidade reflexiva do professor de Educação Física dentro de suas aulas deve ser melhor desenvolvida, fazendo com que os conteúdos ensinados no ensino médio integrado atendam às expectativas dos alunos, e que sejam reconhecidas suas contribuições na formação humana e integral deste discente, o que acaba naturalmente por valorizar a disciplina no espaço escolar.

A organização da prática pedagógica evidenciada nas aulas indica que a Educação Física tem perdido 'espaço' por não ter sido capaz de se legitimar enquanto componente curricular, de modo a problematizar sua função educativa e propor práticas pedagógicas que contemplem as necessidades de seus alunos. (CORDOVIL et al., 2015, p. 112)

Na educação profissional, comumente vemos uma preocupação com as disciplinas técnicas, onde as demais ficam em segundo plano, o que ocasiona a falta ou a diminuição, tanto da quantidade de períodos como na quantidade de atividades físicas realizadas, das aulas de Educação Física. A escola profissionalizante é criticada por Gramsci (2001), onde ele faz uma crítica ao ensino profissionalizante da Itália de seu tempo, pois ela funciona muitas vezes como uma forma de enfatizar ou reforçar a divisão social do trabalho.

Na contramão desta direção, os profissionais de Educação Física buscam além de sua valorização enquanto disciplina, buscar artifícios para ministrarem suas aulas cada vez com mais qualidade, buscando motivar seus alunos a praticarem cada vez mais atividades físicas, dentro e fora da escola.

As aulas de Educação Física trazem um desenvolvimento integral do aluno, pois proporciona e oferece consciência sobre desempenhos físicos, traços motores, vivências culturais e conhecimentos gerais sobre o corpo e também opera sobre a saúde física, emocional e social. Assim, tem o poder de potencializar o aluno em todos esses aspectos e promover qualidade de vida do mesmo.

A Educação Física escolar abrange diversos aspectos que interferem na esfera física, social e emocional. Por esse motivo compreende, não somente o corpo humano, seu desenvolvimento físico e desempenho motor, mas incontáveis diretrizes relacionados a essas qualidades, que correspondem e contemplam a tantas outras disciplinas curriculares. Além do mais, na Educação Física pode-se trabalhar de maneira global ou parcial, o que aumenta o leque de interações com outras matérias. Logo, deveria haver mais interação da Educação Física com outras disciplinas, e, na realidade dos dias de hoje, deveria ser mais valorizada, complementada e diversificada em todo o campo escolar.

As aulas de Educação Física devem ser mais do que um local reservado para entreter os alunos, não devendo ser apenas um momento para

descontração e lazer, onde seus conteúdos tenham uma função socializadora. O que propomos é uma discussão das aulas como fenômeno social e cultural, nem tanto como uma expressão de diferentes modos de jogar, mas muito mais com formas de conviver e de direcionamento pedagógico que estimule formas que valorizem os princípios da inclusão e respeito à diversidade.

A questão é relevante e pertinente ao momento atual, frente a Lei 13.415/2017 da reforma do ensino médio, que a partir da BNCC – Base Nacional Comum Curricular – define 5 itinerários formativos para o ensino médio, onde no § 2º do Art. 35 diz que: “A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de Educação Física, arte, sociologia e filosofia.” (Brasil, 2017). Isto demonstra a importância da manutenção da Educação Física e do professor como profissional a continuar conduzindo essa etapa de trabalho e formação no Ensino Médio.

O que se produz academicamente em Educação Física escolar nos sugere que o docente faça com que seus alunos venham a “[...] pensar, desenvolver a reflexão, entender o que faz, raciocinar cientificamente e ter uma independência de pensamento” (BOAVENTURA, 2007, p. 6). Este respeito pela autonomia do sujeito, dando a ele ‘voz’ no processo de planejamento participativo, sendo ele comparte consciente da construção das aulas, e que ele seja capaz de elaborar sentido ao que se faz na disciplina e na escola, valorizando sua capacidade crítica de reflexão, é o que aproxima a Educação Física com as bases de uma educação politécnica, unitária e omnilateral.

O que observamos hoje sobre o ensino de Educação Física nos obriga a pensar sobre a práxis da mesma na busca pela formação integral do indivíduo. Não há necessidade de uma pesquisa científica para constatarmos que, nos dias atuais, a Educação Física enfrenta uma “crise de identidade”. Basta verificarmos o *feedback*² motor que os alunos trazem de sua escolarização básica, apresentando dificuldades em movimentos básicos como correr ou pular corda, o que a experiência docente de 18 anos em escola pública nos possibilita verificar.

² Reação a um estímulo; efeito retroativo; Informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão.

Diante de tal quadro é que todos aqueles que trabalham com Educação Física precisam pensar continuamente em formas de combater essa situação. Superar o pensamento “biologicista” em Educação Física significa reconfigurá-la no ambiente escolar, a partir de novas abordagens teórico-pedagógicas embasadas nas ciências humanas, gerando um campo de pesquisa e produção científica propício para a mudança de seus aspectos teórico-metodológicos.

A educação não passa incólume às mudanças que, através da história, alteram o mundo e, igualmente, sua prática. Nesse sentido, o paradigma profilático, focado apenas na manutenção da saúde e da aptidão física, foi superado teórica e cientificamente por outros, como o sócio histórico e o cultural, para citarmos apenas um exemplo.

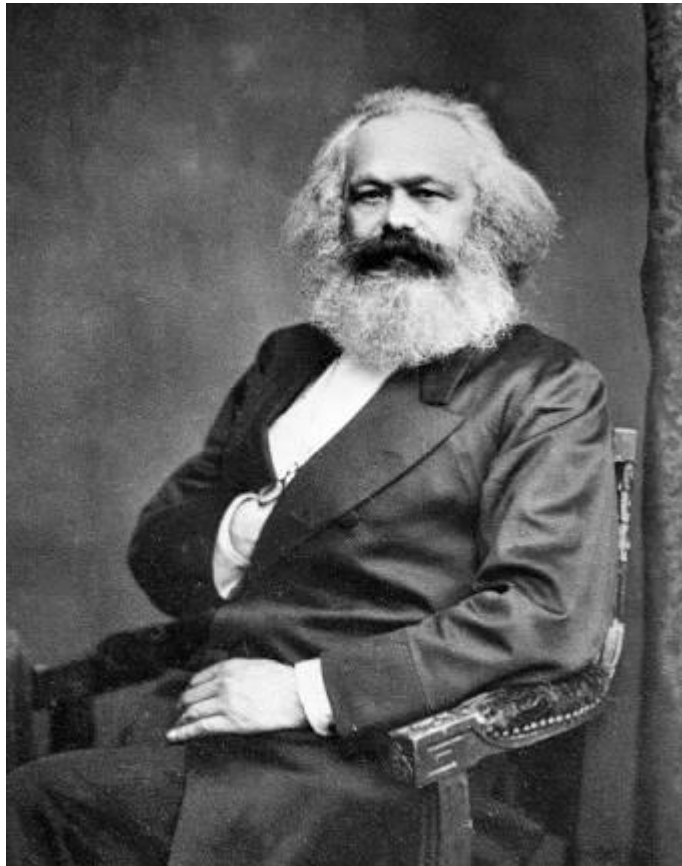
É neste contexto que atualmente nos encontramos. De um lado, há uma demanda baixa das atividades físicas como um todo, dentro e fora da escola, e de outro há os profissionais trazendo um viés contrário a isto, tentando harmonizar a educação profissional com as atividades físicas.

Neste sentido, há a necessidade de reflexão sobre possibilidades curriculares e metodológicas a serem empreendidas nas aulas de Educação Física no ensino médio integrado, de maneira a contemplar os interesses e necessidades dos alunos, e também na inserção de uma educação que contemple todas as funções sociais, psicológicas, físicas e teóricas dos alunos, no caminho para uma educação omnilateral.

Educação Física e Educação Omnilateral

A fim de investigarmos a relação da Educação Física com a educação omnilateral, iniciemos pela contribuição marxiana sobre a educação, eis que esse autor se opõe a uma forma unilateral da mesma (MANACORDA, 2007).

A Educação em Marx



Marx não foi um educador e tampouco um pensador da educação (MANACORDA, 2007), foi um teórico da economia política e da filosofia que visava justamente uma práxis política revolucionária, ou seja, como disse na famosa 11ª tese sobre Feuerbach, “transformar o mundo”. (MARX, 2002) Foi, assim, um teórico e um militante, pois via as duas coisas essencialmente ligadas. Era um “hegeliano de esquerda”³. Materialista, ou seja, para ele o mundo material produz a ideia, e não o contrário, como pensava Hegel, o que ele deixou claro no posfácio do livro I de O Capital:

Para Hegel, o processo do pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criador do real, e o real é

³ Após a morte de Hegel, em 1831, os seguidores de sua filosofia se dividiram entre os hegelianos de direita e os jovens hegelianos de esquerda em virtude de suas divergências teóricas sobre religião e Estado, de uma posição respectivamente mais conservadora ou mais crítica em relação à evolução dialética da sociedade Prussiana da época. Os hegelianos de esquerda se aliaram com a burguesia liberal no jornal Gazeta Renana, do qual Marx chegou a ser editor-chefe. Os hegelianos de esquerda posteriormente romperiam a aliança com os liberais e Marx, pouco mais tarde, superaria o hegelianismo de esquerda em sua “passagem para o comunismo”. (LÖWY, 2012, p. 53-96)

apenas a sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado. (MARX, 2013, p. 16)

Importante ressaltar que essa visão, igualmente, fundamenta as esparsas formulações marxianas sobre educação, ligando-a incondicionalmente ao trabalho. Em Marx a teoria e a prática (a práxis, por isso o marxismo é também chamado de “a teoria da práxis”) estavam em constante relação dialética no processo histórico, isto é, a grosso modo: as sínteses produzidas no mundo social pela contínua relação entre a tese e a antítese da lógica dialética, eram sinônimos de mudança contínua, em oposição a outras teorias que buscavam, propunham ou viam uma “estática” do mundo social, claramente sofismando a fim de manter o modo de produção capitalista (com sua base material econômica e sua superestrutura ideológica correspondente), mediante o qual privilegiavam os interesses de determinada classe social (MARX, 2013, p. 12), no caso marxiano, a burguesia⁴.

Relacionando a educação para Marx, o que há em grande escala é uma educação marxista, ou seja, não uma produzida por Marx, marxiana, e sim por pensadores que se basearam na contribuição de Marx mais fundamental, o chamado materialismo histórico-dialético. Para refletir sobre educação a partir das bases marxianas, adotando, conseqüentemente, além de sua base filosófica dialético-materialista, seu viés político e revolucionário, a saber, a luta de classes como motor da história, coloca-se a educação com um papel prático e teórico nessa luta política mais geral que visa a emancipação do homem e a abolição da exploração. E sobre isso possuímos algumas formulações marxianas, que Manacorda (2007) divide em três momentos distintos.

O primeiro deles encontramos no Manifesto Comunista (MARX e ENGELS, 2017, p. 58): “Educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje; associação da educação com a produção material, etc.”. Aqui Marx já associa a educação com o trabalho, com a ressalva de alterar a situação draconiana do

⁴ Curiosamente Marx não publicou um estudo específico sobre as classes sociais capitalistas. No último capítulo do Livro III de O Capital, "As classes", onde o autor se propunha a tarefa, o manuscrito encontrado por Friedrich Engels - editor da obra, pois Marx morrera - estava inacabado. Todavia, analisando a configuração de classes inglesa, nominava "assalariados, capitalistas e proprietários de terra as três grandes classes sociais". (MARX, 2017, p 947)

trabalho infantil da nascente indústria. Marx defendia a educação politécnica aliada ao trabalho a partir dos nove anos de idade.

O segundo momento está contido de forma sintética nas Instruções aos Delegados da AIT, anteriormente citadas na página 23. Nelas, como vimos, o autor coloca a educação num tripé formado por educação intelectual, educação corporal e educação tecnológica, visando dar aos filhos da classe proletária a compreensão do processo produtivo com um todo, desalienando-o e, por consequência, capacitando-o para a luta político-social transformadora da sociedade. Essas instruções ecoam os escritos de Marx sobre o tema que aparecem em partes de “O Capital”, visto que são do mesmo período do lançamento dessa obra:

Apesar da aparência mesquinha que se apresentam em seu conjunto, as disposições da lei fabril relativas à educação fizeram da instrução primária condição indispensável para o emprego de crianças. Seu sucesso demonstrou, antes de tudo, a possibilidade de conjugar educação e ginástica com trabalho manual, e consequentemente o trabalho manual com educação e ginástica. Os inspetores de fábrica logo descobriram, através dos depoimentos dos mestres-escolas, que as crianças empregadas nas fábricas, embora só tivessem meia frequência escolar, aprendiam tanto e muitas vezes mais que os alunos regulares que tinham a frequência diária integral. (MARX, 2013, p. 553)

E a unidade educação-trabalho vai, da mesma forma, aparecer no terceiro momento, em 1875, quando Marx formula notas “glosas marginais” críticas ao programa de unificação de dois partidos operários alemães, em texto que ficou conhecido como Crítica do Programa de Gotha: “O parágrafo sobre as escolas devia ao menos ter exigido escolas técnicas (teóricas e práticas) combinadas com a escola pública” (MARX, 2012, p. 46). Acrescenta ainda mais, delimitando o trabalho infantil em relação ao ensino, a partir da realidade econômica do período histórico-social em que viveu:

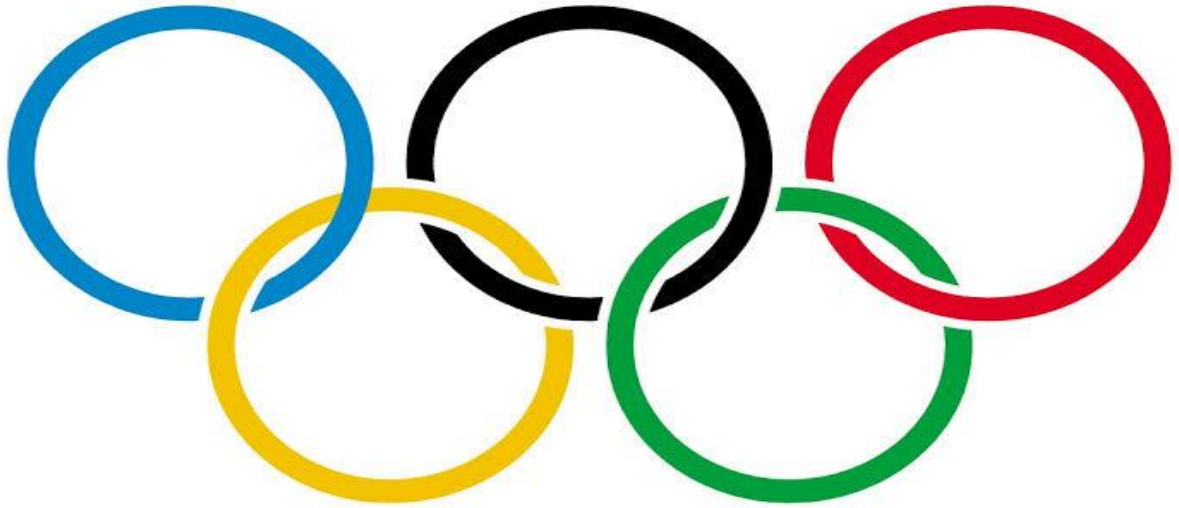
A proibição geral do trabalho infantil é incompatível com a existência da grande indústria (...) A aplicação dessa proibição – se fosse possível – seria reacionária, uma vez que, com uma rígida regulamentação da jornada de trabalho segundo as diferentes faixas

etárias e as demais medidas preventivas para a proteção das crianças, a combinação de trabalho produtivo com a instrução, desde a tenra idade, é um dos mais poderosos meios de transformação da sociedade atual. (MARX, 2012, p. 47-48)

O autor mais expressivo no Brasil nessa linha é, indubitavelmente, Paulo Freire, num processo que se estendeu, apenas para demonstrar a importância de tal fenômeno marxista, até para a religião, como podemos constatar no que foi a Teologia da Libertação na América do Sul que, no Brasil, onde surgiram autores como Leonardo Boff e Frei Beto. A abrangência do fenômeno marxista em vários âmbitos demonstra que Marx não tratou da educação de forma central, e sim acessória. O centro do pensamento marxiano foi econômico, filosófico e político, como citado acima, sendo principalmente econômico, pois, como ele via o mundo material como criador da ideia, foi desta maneira que centrou sua investigação do mundo.



PRIMEIRO EXEMPLO



Conteúdos

- Jogos olímpicos;
- História das modalidades esportivas.

Objetivos

- Conhecer a história dos Jogos Olímpicos.
- Identificar as modalidades presentes atualmente no evento.
- Pesquisar a origem, regras e importância de cada modalidade esportiva.
- Trabalhar em equipe respeitando sua função no grupo.

1ª Etapa: Início de conversa

Os Jogos Olímpicos têm uma importância histórica sem precedentes no mundo todo. Iniciados em Olímpia, na Grécia (Amaral, 2019) e, hoje, presentes em diversas nações, os Jogos Olímpicos são o maior evento esportivo já criado. Com seu crescimento em larga escala, ano após ano, propicia a atletas de quase todas as nações a chance de alcançar a fama internacional com a conquista de medalhas, além de constituir uma grande oportunidade para os países sedes de se mostrarem para o mundo todo. No ano de 2016, o Rio de Janeiro foi sede dos Jogos.



Assim, é de fundamental importância incorporar a temática na rotina escolar dos alunos brasileiros, com o objetivo de que se apropriem do histórico do evento, suas modalidades e de como ele pode afetar a organização de um país. A construção das atividades poderá ser feita em conjunto com

professores de História.

2ª Etapa: Histórico dos Jogos Olímpicos

- Inicie a aula assistindo com os alunos um vídeo sobre a história dos Jogos Olímpicos disponível no *You Tube*. Durante o vídeo, você pode ir criando com o grupo uma linha do tempo dos Jogos Olímpicos.
- Ao final do vídeo reúna o grupo e peça para que falem o que mais chamou a atenção deles na retrospectiva histórica do evento. Os alunos também poderão trazer comentários sobre os eventos que já acompanharam pela televisão, os esportes que mais gostam, se conhecem nomes de medalhistas, entre outras curiosidades que acharem pertinentes.



- Em seguida, leve os alunos até a sala de informática da escola (se houver) e proponha que pesquisem uma curiosidade dos Jogos Olímpicos e criem um pequeno texto falando sobre ela; Depois, eles deverão montar um cartaz no *word* utilizando seu texto e fotos que representem a curiosidade escolhida. Os trabalhos poderão ser impressos e expostos na escola.

3ª Etapa: Jogos e suas modalidades

- Após conhecerem mais sobre o histórico do evento, divida os alunos em duplas e apresente a eles quais modalidades esportivas são contempladas atualmente no evento; Você pode trazer algumas imagens ou vídeos de cada uma delas. Uma opção, nesta atividade, é a escolha de modalidades menos 'populares' ou conhecidas dos alunos. No atletismo, por exemplo, temos competições como lançamento de martelo, peso e disco. Em seguida, defina com a turma as modalidades a serem trabalhadas e sorteie uma modalidade por dupla.

- Ciente de qual será sua modalidade, cada dupla deverá pesquisar informações, curiosidades, regras, principais medalhistas, imagens, vídeos, entre outras informações que achar interessantes, e compartilhar com os demais colegas através de uma apresentação em forma de seminário.

- Para finalizar esta etapa, organize uma data e um local para que os alunos apresentem seus trabalhos.

- O passo seguinte será propor que as duplas criem oficinas esportivas,

contemplando a sua modalidade e atendam crianças menores, seja da própria unidade escolar ou de outras comunidades. Dessa forma, eles poderão colocar em prática o conhecimento adquirido e valorizar o esporte como fonte de prazer, inclusão e socialização.

4ª Etapa: Criação

- O desafio agora será convidar os alunos a inventar uma modalidade. É importante, como primeiro passo, levantar o que é comum numa modalidade: espaço em que se realiza, objetos que utiliza, número de jogadores, objetivo, tempo, regras, possibilidades e proibições. Também é interessante que criem as roupas adequadas à prática.

- Você poderá manter as mesmas duplas ou juntar duas delas formando grupos de 4 alunos.

- Para finalizar, é possível criar um e-book com todas as sugestões dessas 'Modalidades do Futuro'.

Materiais Relacionados

1. Para saber mais sobre os Jogos Olímpicos acesse os links:

<http://bit.ly/1TZqzRf>

<http://bit.ly/1Rk2fpf>

2. Para saber quais são as modalidades esportivas participantes dos Jogos Olímpicos acesse o [link](#).

3. Para assistir com os alunos vídeo sobre a história dos Jogos Olímpicos acesse o [link](#).

4. Para compartilhar com os alunos os maiores medalhistas dos Jogos Olímpicos acesse os links:

<http://glo.bo/24ZVNNs>

<http://bit.ly/24ZWar6>



PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense

SEGUNDO EXEMPLO



PROFEPI
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense

Conteúdos

Ditadura Militar;

Comunidade Judaica;

Diversidade Cultural;

Copa do Mundo.

Objetivos

- Conhecer e refletir sobre a ditadura militar;
- Discutir as várias comunidades étnicas que habitam Charqueadas;
- Conhecer a cultura judaica;
- Pesquisar sobre as copas do mundo, especialmente a do México, em 1970;
- Refletir sobre as dificuldades da vida e a sua superação pela coletividade.



1ª Etapa: Pesquisa introdutória: diversidade cultural e o ano de 1970

O filme *O Ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger, se passa no ano de 1970 e apresenta a situação de um menino que começa a conviver, de uma hora para outra, com a comunidade judaica. No bairro em que ele está, convivem várias comunidades étnicas diferentes.

Seria interessante como preâmbulo do filme, que o professor propusesse uma pesquisa entre os discentes: eles devem perguntar a seus familiares sobre suas lembranças do ano de 1970, onde viviam nessa época,

qual a moda, que música ouviam, o que faziam? A outra pergunta seria sobre a origem da família, de onde vieram? Houve misturas de etnias?

Numa aula anterior à exibição do filme, os alunos contam o que descobriram com a pesquisa familiar. Quais as lembranças comuns? Quantos falaram na copa de 1970? Quantos se referiram à ditadura militar? O (a) professor (a) pode ir anotando na lousa as lembranças específicas e as comuns. O mesmo com as origens das famílias: quantos familiares nasceram em Charqueadas? Quantos descendem de nordestinos? Judeus? Países hispânicos? A ideia é fazer um painel da diversidade cultural encontrada em Charqueadas. É claro que a diversidade dependerá da comunidade de cada escola, mas certamente alguma diversidade e miscigenação serão encontradas no levantamento.

2ª Etapa: Exibição do Filme

O filme tem aproximadamente 104 minutos (Valle, 2019) e deve ser exibido de uma única vez. O filme é dinâmico, apresenta momentos tensos e engraçados, os alunos costumam manter-se atentos. Se for necessário, negociar uma aula dupla com outro professor, mas é importante não fragmentar o filme.

Antes da exibição, o professor pode adiantar a história, explicando que o personagem principal –Mauro – é um garoto que mora em Belo Horizonte (perguntar quem da classe conhece BH e quem conhece os times de futebol mineiros mais famosos) e precisará vir para São Paulo, no bairro do Bom

Retiro. O filme se passa no ano de 1970. É interessante falar que o diretor Cao Hamburger e a roteirista Anna Muylaert já têm uma parceria antiga que é o programa da TV Cultura Castelo Rá-tim-bum (1994) e Castelo Rá-tim-bum (1999), o filme. Pode ser adiantado que o filme tem uma história triste, mas com momentos alegres.

3ª Etapa: Debate após a exibição

Provavelmente o filme despertará várias dúvidas nas crianças, porque a obra deixa questões em aberto que dependem muito do repertório do espectador. Por exemplo, o que aconteceu com o pai de Mauro? (Provavelmente morreu na prisão, nesse momento o professor deve estar preparado pra relatar sobre o tema). O que é o exílio sobre o qual ele fala ao final do filme? Por que havia um médico examinando sua mãe quando ela reaparece? Quais os elementos da cultura judaica que aparecem no filme? (Bar-Mitzvá, circuncisão, Torá, sinagoga) Em que momento Shlomo percebe que o pai de Mauro não seguiu a religião judaica de seu pai? (Quando ele vê Mauro fazendo xixi).



Como a diversidade cultural aparece no filme? Principalmente no jogo de futebol entre judeus X italianos, sendo que Irene é grega e seu namorado afrodescendente.

4ª Etapa: História - Ditadura Militar

Após a exibição do filme, o (a) professor (a) de História pode ministrar uma aula sobre o período da Ditadura Militar. O início pode ser a própria pesquisa dos estudantes. Quais familiares se lembraram que no período em que se passa o filme havia uma ditadura militar? Por que nem todos se lembram? Por que nem todas as pessoas (não apenas Mauro, mas muitos adultos) não percebiam a gravidade da situação e não sabiam das prisões políticas? O que defendiam as pessoas que estavam presas? No filme, Mauro, que é uma criança, vai, aos poucos, estabelecendo ligações entre os fatos, por exemplo, ao estabelecer uma amizade com Ítalo (ele percebe que o jovem pode lhe dar pistas para saber onde estão seus pais; depois ele ajuda Ítalo a se esconder da polícia).



O filme também pode ser interpretado como uma metáfora do desconhecimento e ingenuidade da população brasileira em relação àquela fase tão complicada da história do país. Provavelmente, na pesquisa com os familiares, muitos dirão que sabiam que coisas graves aconteciam, sabiam de pessoas conhecidas que tinham desaparecido, mas muitos não sabiam de detalhes. Havia um clima de medo, mas não se sabia ao certo o que poderia acontecer. É importante que a aula de História esclareça as raízes do terrorismo de Estado e a importância da constitucionalidade, de eleições livres e da liberdade de expressão. O sentido de cidadania começa desde cedo. É possível estabelecer um paralelo, por exemplo, com o funcionamento da escola. O que aconteceria se ninguém tivesse liberdade de reclamar de nada ou de expressar?

5ª Etapa: Arte, Educação Física e Geografia – Copa do Mundo



No ano em que a copa do mundo foi realizada no Brasil, provavelmente os alunos lembram de algo e gostariam de falar no assunto. A copa de 1970, retratada no filme, foi realizada no México e a seleção brasileira daquele ano foi considerada uma das melhores do mundo. O (a) professor (a) de Educação

Física pode propor uma pesquisa sobre os jogadores daquela e de outras copas e os estudantes podem compor uma grande álbum de figurinhas, nas aulas de Arte, com os jogadores (afinal, percebe-se que álbum com jogadores existia em 1970 e até hoje é cultuado).



O professor de Geografia pode aproveitar a copa deste ano e dos outros anos para localizar no mapa *mundi* cada país que participa ou já participou das copas. As regras do futebol podem ser trabalhadas com um tabuleiro de futebol de botão (como Mauro jogava).

6ª Etapa: Língua Portuguesa

No filme, Mauro fica sozinho, sem saber onde estão seus pais, numa comunidade que ele não conhecia. Aos poucos, esse medo vai diminuindo e ele se sente acolhido pela coletividade. O (a) professor (a) de Língua Portuguesa pode propor a produção de um texto ou desenho que relate uma

situação de muito medo e solidão que o estudante tenha passado.



Materiais Relacionados

A história das Copas e da Copa do Mundo de 1970 pode ser encontrada no link:

<http://copadomundo.uol.com.br/2010/historia-das-copas/1970-mexico/>

Para saber mais sobre a cultura judaica e os elementos que aparecem no filme, há o blog:

<http://culturahebraica.blogspot.com.br/>



MATERIAL DE APOIO

O ano em que meus pais saíram de férias

Ficha Técnica

Direção: Cao Hamburger

Roteiro: Cao Hamburger, Adriana Falcão, Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani e Anna Muylaert

Gênero: Drama

Classificação etária: livre

Nacionalidade: Brasil

Elenco: Michel Joelsas (Mauro), Daniela Piepszyk (Hanna), Germano Haiut (Shlomo), Simone Spoladore (Bia, mãe de Mauro), Caio Blat (Ítalo), Eduardo Moreira (Daniel, pai de Mauro), Liliana Castro (Irene), Rodrigo dos Santos (Edgar), Paulo Autran (Mótel, o avô de Mauro), Felipe Braun (Caco), Haim Fridman (Duda)

Sinopse: Em 1970, o Brasil e o mundo parecem estar de cabeça para baixo, mas a maior preocupação na vida de Mauro, um garoto de 12 anos, tem pouco a ver com a ditadura militar que impera no País. Seu maior sonho é ver o Brasil tricampeão mundial de futebol. De repente, ele é separado dos pais e obrigado a se adaptar a uma estranha e divertida comunidade – o Bom Retiro, bairro de São Paulo, que abriga judeus, italianos, entre outras culturas. Uma história emocionante de superação e solidariedade.

Produção Executiva: Caio Gullane, Fabiano Gullane e Sônia Hamburger

Produtores: Caio Gullane, Fabiano Gullane e Cao Hamburger

Diretor de Fotografia: Adriano Goldman

Maquiagem: Anna Van Steen

Cenografia: Fábio Goldfarb

Figurino: Cristina Camargo

Montagem: Daniel Rezende

Trilha Sonora: Beto Villares

Sobre o Diretor

O diretor Cao Hamburger nasceu em São Paulo, em fevereiro de 1962. Na copa de 1970, portanto, ele tinha 8 anos. O filme é parcialmente autobiográfico. Ele viveu uma história parecida com a de Mauro. Seus pais eram cientistas e amigos de alguns militantes políticos. Na época da ditadura, eles ajudaram a esconder alguns perseguidos políticos em sua casa. Por conta disso, foram presos (sua mãe por uma semana e seu pai por duas). Os cinco filhos tiveram que ficar com os avós e amigos do bairro ajudaram a cuidar deles. Mas Cao também somou sua experiência de estudar fora do país, quando sentiu-se muito solitário, longe de suas raízes. O roteiro de *O Ano em*

que meus pais saíram de férias demorou quatro anos pra ser feito e contou com a ajuda de várias pessoas. Antes desse filme, Cao realizou várias curtas metragens como *A Garota das Telas* e *Frankstein Punk*. Cao foi responsável pela direção, junto com o dramaturgo Flávio de Souza, do bem sucedido programa *Castelo-Rá-Tim-Bum* e seu primeiro longa metragem para os cinemas é *Castelo Rá-tim-bum, o Filme* (1999). Realizou ainda, em 2012, o longa metragem *Xingu*, que conta a história dos irmãos Villas Boas. Para televisão fez muita coisa, entre elas: *Cidade dos Homens* (2004) e *Os Filhos do carnaval* (HBO, 2006), para adultos. Para o público infanto juvenil, realizou também: *Disney Club* (1997), *Um Menino muito Maluquinho* (TV Educativa, 2006), *No Estranho Planeta dos Seres Audiovisuais* (Canal Futura, 2008), *Família Imperial* (Canal Futura, 2012), *Pedro e Bianca* (TV Cultura, 2012).



PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense

TERCEIRO EXEMPLO



Conteúdos

A matriz africana na formação do povo brasileiro
Origens e características da cultura brasileira

Objetivos

- Refletir sobre a influência africana na formação do povo brasileiro;
- Estudar a obra de Darcy Ribeiro e reconhecer a importância de sua obra na história do pensamento brasileiro.
- Reconhecer a diversidade da cultura africana e estudar os principais povos que chegaram ao Brasil;
- Estudar e praticar a capoeira, como arte física afro-brasileira;
- Estudar o poema “Navio Negreiro” de Castro Alves;

1ª Etapa: Exibição do Filme

O documentário pode ser exibido sem grandes introduções, já que possui uma linguagem bastante acessível. É importante que o professor explique que esse vídeo faz parte de uma obra maior, composta por 10 capítulos e baseada no livro *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*, em que Darcy Ribeiro explica a história do Brasil a partir de sua diversidade étnica e cultural. Os professores podem pedir aos estudantes para que anotem o que lhes pareça mais interessante e registrem suas dúvidas.



2ª Etapa: Debate após o filme:

Após a exibição, será o momento de resgatar o que os alunos registraram e aprofundar os tópicos propostos pelo curta. Por um lado, é importante ressaltar como o documentário mostra a diversidade e complexidade das culturas africanas, que muitas vezes é tomada como uma unidade. Mostra, também, como cada migração específica (Dos Nagôs, Malês,

Yorubás, etc.) trouxe uma cultura diferente, compondo aos poucos a cultura afro-brasileira. Pode ser interessante conversar com os alunos sobre os aspectos da matriz afro que fazem parte de suas vidas, como o samba, a capoeira, as comidas, as palavras.

3ª Etapa: Atividades

História: A diversidade dos povos africanos que chegaram ao Brasil



O documentário enfatiza os diferentes momentos da migração forçada dos africanos, com diferentes etnias trazidas em cada etapa, cada qual com características culturais diversas. É fundamental compreender essas diversidade. Sugerimos que o professor de História trabalhe com seus alunos as diferentes etapas da chegada dos africanos no Brasil, estudando cada uma das culturas implicadas. Ele poderá, após a exibição, recuperá-las com os seus alunos, levantar o que lembram, para, na sequência propor que, em grupos, aprofundem a pesquisa sobre as diferentes etnias (iorubás, jejes, malês, etc.): o que trouxeram, que características tinham ao chegar, quando vieram, para qual região foram mandados, sua língua, religião, arte, hábitos, e se algum

elemento dessa cultura permanece (mesmo que transformado) na cultura brasileira. (ver links sugeridos)

Cada um dos grupos apresentará sua pesquisa para os outros colegas, finalizando a atividade com uma conversa informal sobre o que eles aprenderam com a pesquisa e em que aspecto os ajudou a entender mais o Brasil contemporâneo.

Educação Física: A Capoeira

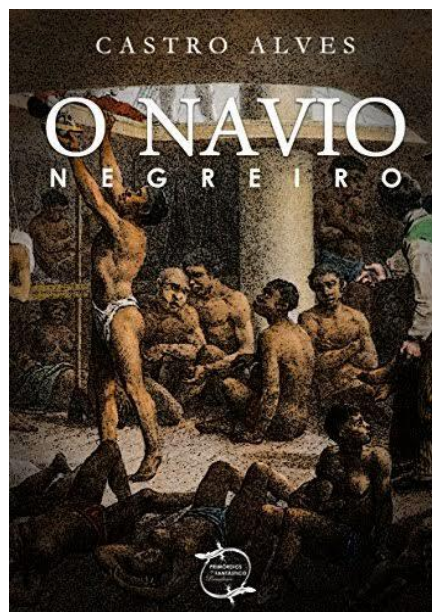


Uma das artes afro-brasileiras mais importantes, presente no país e no mundo é a capoeira, que mistura arte marcial, dança, música e palavra. Introduzida no Brasil por povos pastores do sul da atual Angola, a Capoeira foi se desenvolvendo e ganhando popularidade entre os negros escravizados no Brasil, sendo usada na resistência à escravidão e também como prática lúdica. Sugerimos que o professor de Educação Física introduza os alunos nesta prática, ensinando os principais movimentos, os rituais de entrada e saída da roda, assim como – dentro das possibilidades da escola e do professor – os instrumentos e cantos que fazem parte da prática da capoeira. Além de ser uma excelente prática física e lúdica, permite conectar os alunos à cultura brasileira de matriz africana por meio do corpo, vivenciando coletivamente o

que nos deixaram como herança os homens escravizados em sua busca pela liberdade. Vale destacar a importância da roda, da solidariedade e do respeito, que fazem da capoeira mais que uma prática física, uma prática comunitária.

Língua Portuguesa – Navio Negreiro e a presença do negro na literatura brasileira

“Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d’amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar..,”



“Navio Negreiro”, de Castro Alves, é um dos poemas mais importantes da terceira fase do modernismo, tanto pela sua complexidade e beleza estética

como pela ousadia em trazer um tema que não era tratado por outros poetas, já que o Brasil ainda era um país escravista, e o negro não fazia parte da identidade nacional. O professor de Língua Portuguesa/ Literatura pode trabalhar com seus alunos os diversos aspectos desse poema, relacionando-o com o documentário visto.

Em um primeiro momento, será importante ler atentamente o poema com os alunos, tirando dúvidas de vocabulário e reconstruindo a sintaxe para entender o discurso do poema, assim como entender a métrica (que varia ao longo do poema), as rimas internas e externas e o ritmo [sugerimos em Para Saber Mais uma versão instrumentalizada de Caetano Veloso que pode enriquecer este trabalho].

Após o trabalho sobre a forma, o professor poderá se aprofundar nas imagens construídas pelo poema – a imensidade do mar, a orquestra de chicotes, as comparações entre a vida dos negros antes e depois da escravização, a famosa frase “Colombo, fecha a porta dos teus mares”, etc. E, neste momento, ir retomando com os alunos o momento histórico tratado, a luta pela abolição, o processo (ainda em curso) de incorporação do negro e da cultura afro-brasileira à identidade nacional, assim como pensar como o poema se relaciona com a busca estética romântica. É importante abrir o diálogo com os alunos e ouvir suas dúvidas, comentários, propostas...

Para terminar, cada aluno elaborará um texto baseado no poema, no vídeo e na discussão em classe: poderá ser um texto dissertativo, uma crônica, uma poesia, um RAP, uma canção, etc. O professor auxiliará cada aluno no processo criativo, orientando tanto na forma como no conteúdo.

Materiais Relacionados

1. O Capítulo “Matriz Afro” pode ser visto integralmente no seguinte [link](#)
2. O livro O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil pode ser encontrado integralmente no seguinte [link](#)
3. Saiba mais sobre o ensino de capoeira na escola no [link](#)
4. Veja mais sobre a história da capoeira e vídeos de sua prática na [página](#)
5. Leia mais sobre o [Tráfico de Escravos no Brasil](#) e suas diferentes etapas
6. A [Versão de Caetano Veloso](#) do poema Navio Negreiro
7. Leia uma [análise do poema Navio Negreiro](#)
8. Veja os planos de aula de outros episódios da série O Povo Brasileiro no Portal NET Educação: [Matriz lusa](#) e [Matriz tupi](#)

O Povo Brasileiro: Matriz Afro

Sinopse:

O Povo Brasileiro é um documentário baseado na obra de mesmo nome de Darcy Ribeiro. Está dividido em dez episódios, e cada um deles retrata um dos aspectos da formação do povo brasileiro, desde as suas matrizes (indígena, europeia e africana) e as diferentes misturas e culturas que se formaram a partir dessas matrizes. Este terceiro episódio trata da matriz africana, mostrando as diferentes culturas que chegaram ao Brasil com os homens e mulheres escravizados levados da África.

Ficha técnica: **Título:** O Povo Brasileiro: Matriz Afro **Duração:** 26 min. **Direção:** Isa Grinspum Ferraz **Roteiro:** Antônio Risério, Isa Grinspum

Ferraz, Marcos Pompéia **Elenco** : Darcy Ribeiro, Chico Buarque, Gilberto Gil, Luiz Melodia, Antonio Candido, Azis Judith Cortesão **Classificação**: Livre
Ano/Pais de Produção: 2000/ Brasil **Edição**: Vânia Debs e Idê Lacreata
Música original: Marco Antônio Guimarães

Profª Drª Cláudia Mogadouro

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE INTELIGÊNCIA E PESQUISA DE MERCADO HELLO RESEARCH. 2018. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/sedentarismo-e-um-mal-que-acomete-66-da-populacao-brasileira-1.1293044>. Acesso em 09 de maio de 2020.

AMARAL, A. A. História dos Jogos Olímpicos. Disponível em <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/historia-dos-jogos-olimpicos>. Publicado em 1 de abril de 2019. Acesso em 03 de maio de 2020.

ANDRADE, D.; ARAÚJO, T.; MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K.; ANDRADE, E.; ROCHA, A. & ANDRADE, R. Padrões de atividade física em adolescentes de diferentes regiões socioeconômicas. In: Atividade física e saúde: aspectos fisiológicos, comportamentais e epidemiológicos (G. Casagrande e F. Viviani, orgs.), Pp. 115-122, Padova: UNIPRESS, 1998.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO A. (orgs.). A saúde em debate na educação física. Blumenau: Editora Edibes, v. 1, Artigo I (p. 15 a 31). 2003. Disponível em: <http://www.boletimef.org/biblioteca/2140/Livro-A-saude-em-debate-na-Educacao-Fisicav-1.pdf>. Acesso em 03 de março de 2019.

BARBANTI, V.J. Dicionário de educação física e do esporte. São Paulo: Manole, 2011.

BARROS, J. M. C. Educação física na sociedade brasileira atual e a regulamentação da profissão. Revista Motriz: Jul-Dez 2000, Vol. 6, n. 2, pp 107-109. 2000.

BETTI, M. Perspectivas na formação profissional. In: Bertini Junior, N. Tassoni, E. C. M. A educação física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. Campinas: Coleção Corpo & Motricidade. Papyrus, 1992.

BETTI, M.; LIZ, M. T. F. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. Trabalho apresentado no 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, Lisboa, 2000.

BLOCH, K. V. Fatores de risco cardiovasculares para o diabetes mellitus. *In: O adulto brasileiro e as doenças da modernidade: epidemiologia das doenças crônicas não-transmissíveis* (I. Lessa, org.), pp. 43-72, São Paulo: Editora Hucitec/Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998.

BOAVENTURA, E. Educação física para a autonomia: construção de possibilidades metodológicas. 138f. Dissertação (Mestrado em Motricidade Humana) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

BRASIL. Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Conversão da Medida Provisória nº 746, de 2016. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03.htm. Acesso em 01 de junho de 2020.

CALDART, R. S. (org.) Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CESCHINI, F. L.; FIGUEIRA JUNIOR, A. Nível de atividade física de adultos jovens residentes em região metropolitana de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, ano III, nº 11, jan/mar 2007.

CONFED. Conselho federal de educação física. Conceito de educação física escolar. Disponível em <https://www.confef.org.br/confef/comunicacao/revistaedf/>. Acesso em 13 de maio de 2020.

CORDOVIL, A. de P. R.; GOMES, C. F.; MOREIRA, E.C. O espaço da educação física na escola: um estudo sobre os conteúdos das aulas no ensino médio. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 18, n. 4, out./dez., 2015.

FRIGOTTO, G. Educação e a Crise do Capitalismo Real. São Paulo: 5ª edição. Cortez Editora, 2003.

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

_____. Cadernos do cárcere. Caderno 13: Maquiavel, a política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MANACORDA, M. A. Marx e a pedagogia moderna. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.

MARINHO, I. P. Raízes da educação física no Brasil: II parte. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos.1975.

MARTINELLI, C.R; MERIDA, M; RODRIGUES, G. M; GRILLO, D. E; SOUZA, J. X. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Volume 5, número 2, 2006.

MARX, K. Crítica ao programa de Gotha. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. O Capital: crítica da economia política. Livro I. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. O Capital: crítica da economia política - Livro III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____ Teses sobre Feuerbach. Tradução de Castro e Costa, L. C. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do partido comunista. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. Textos sobre educação e ensino. 2. ed. Campinas, São Paulo: Navegando, 2011.

MELLO, M. T.; FERNANDEZ, A. C. e TUFIK, S. Levantamento epidemiológico da prática de exercício físico na população em geral da cidade de São Paulo - Brasil. Medicina e Ciência no Esporte e Exercício, 30:S11. 1998.

PICCINI, R. X.; VICTORA, C. G. Hipertensão arterial sistêmica em área urbana no sul do Brasil: Prevalência e fatores de risco. Revista de Saúde Pública, 28:261-267, 1994.

PINHEIRO. C. J. Educação física escolar: a disciplina vista sob a óptica dos discentes. Trilhas Pedagógicas, v. 7, n. 7, Ago. 2017, p. 219-244. 2017.

RIBEIRO, E. S.; RODRIGUES, N. C. C.; MAYER, A. F. Nível de atividade física e tabagismo em universitários. Revista de Saúde Pública. 2008.

SANTOS. E. J. A Educação numa perspectiva omnilateral: a práxis da relação entre educação em movimentos sociais. Entrelaçando – Revista Eletrônica de Culturas e Educação. Nº 05. Ano III. Jan./Abril. Centro de Formação de Professores – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2012.

SANTOS, E. J.; SÁ, N. P. Da eugenia à ginástica: do século XIX à reforma educacional de 1910 em Mato Grosso. Disponível em https://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev14/da_eugenia_.html. Acesso em

11/12/2019.

SAVIANI, D. Sobre a concepção de Politécnica. FIOCRUZ. Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro: 1989.

SOLER, R. Educação Física Escolar. Rio de Janeiro: SPRINT, 2003.

SOUZA, L. A. A desvalorização social da profissão docente no cotidiano da escola pública no discurso do professor. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação – Sirsse. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 7 a 10 de novembro, 2011.

VALLE, L. Educação para Ensinar. Disponível em <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/para-ensinar>. Publicado em 1 de abril de 2019. Acesso em 03 de maio de 2020.



PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

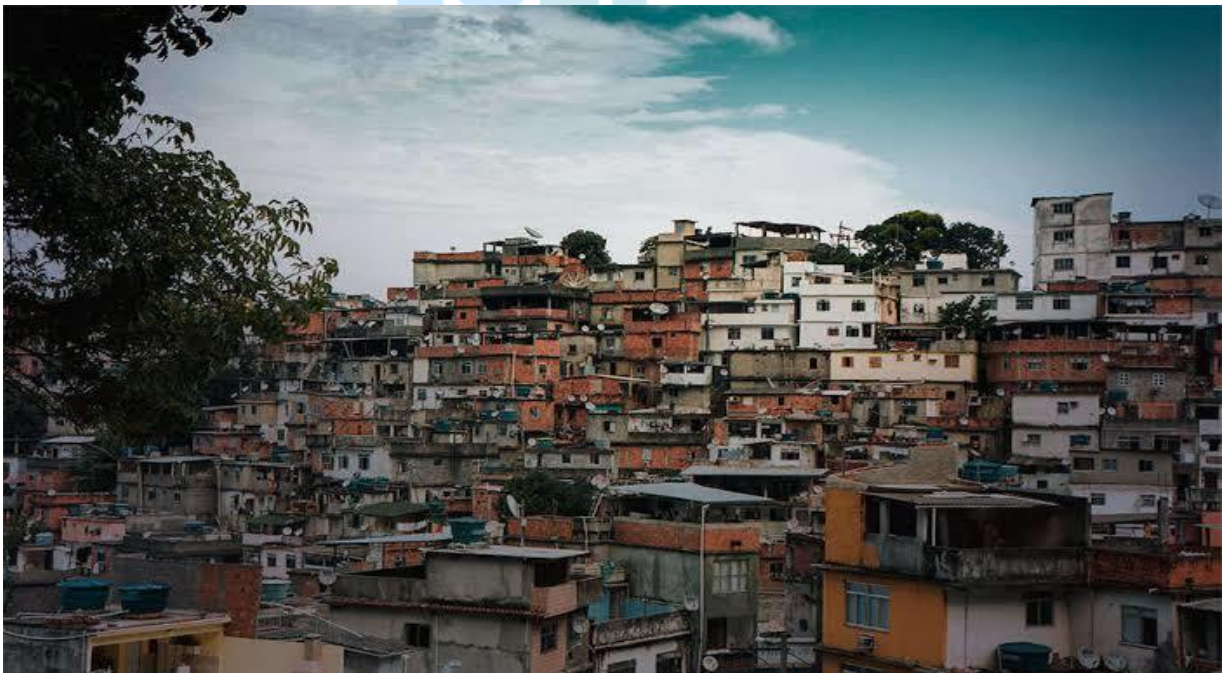
INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense

APÊNDICE

Como apêndice, sugerimos um filme, que pode ser visto em aula, onde também há uma possibilidade bastante grande de abarcarmos diversas disciplinas, e uma educação mais completa, acerca das atividades referentes a ele.

Sessão de Cinema: Filme (Série) – 5 x Favela: Agora por nós mesmos

Episódio: Concerto para Violino



Concerto para Violino é o episódio mais violento e triste do filme/série “Cinco vezes Favela – agora por nós mesmos”. Por meio das Artes, Educação Física e Língua Portuguesa é proposta uma reflexão sobre infância em condições de vulnerabilidade social.

3º Episódio: "Concerto para Violino"

O terceiro episódio, "Concerto para Violino", conta a história de três pessoas que no passado, quando crianças, fizeram um pacto de amizade. Vinte anos se passaram, e Jota (Thiago Martins) foi ao rumo do tráfico das drogas, Ademir (Samuel de Assis) se tornou policial e Márcia (Cintia Rosa) uma

violinista.

Jota roubou algumas armas da cadeia e Ademir ficou com a tarefa de encontrá-lo e devolver as armas.

5x Favela - Agora por Nós Mesmos é um filme brasileiro dirigido por grupo de jovens cineastas moradores de favelas do Rio de Janeiro e produzido por Carlos Diegues e Renata de Almeida Magalhães. O filme é dividido em cinco episódios, daí vem o título do longa-metragem e também fazendo referência ao filme Cinco Vezes Favela (1962). *5x Favela - Agora por Nós Mesmos* é o primeiro longa-metragem brasileiro totalmente concebido, escrito e realizado por jovens moradores de favelas.



BOA LEITURA !!!

PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

**INSTITUTO FEDERAL
Sul-Rio-Grandense**